

VENDE-SE UM FUSCA 68

“Manter em local arejado, ao abrigo do sol.” A frase ganha um tom curioso, quando escrita em uma embalagem de protetor solar. Mas então, o que a contradição que envolve o fato de a embalagem de protetor solar precisar ser protegida da luz do sol, tem a ver com esse texto? Talvez nada. Mas o ato de escrever me fez perceber que tudo tem a ver com tudo, a depender da leitura que fazemos dos fatos.

É como dizem: escrever é navegar contra a corrente. Ou mesmo, contra as correntes que prendem o pensamento. E como no caso do protetor solar, as palavras, os textos e os livros que, geralmente, protegem contra a ignorância, também precisam ser protegidos dessa, temos que livrar a palavra escrita da inquisição da antiliteratura crônica que se impõe.

Lembro-me bem, quando meu pai, de forma panfletária, repetia, um sem números de vezes, a frase de um cubano que dizia: “Para cada jogador de futebol que o Brasil tem, Cuba tem um escritor!” Mas eu, que nem sei jogar futebol, e me identifico como um escritor brasileiro, enfrento o desafio de escrever para quem quiser ler, para quem se dispõe a conhecer os textos que escrevo, para quem dar-se o direito a dúvida, será que esse texto é bom? E dúvida é sem dúvidas uma dádiva.

Quando digo que sou escritor, me sinto um sujeito estranho, alvo dos olhares, que se de um lado trazem admiração, também carregam uma pitada de descrença e fundamentalmente uma dúvida: Por que você escreve? Essa pergunta estava nos olhos de minha mãe, quando viu meu primeiro livro. Ela me olhou como se eu tivesse dois anos, e tivesse decalcado minha mão com tinta guache, pelo menos essa é minha dramática impressão sobre aquele olhar. Ou minha avó paterna que ao me ver vendendo meus livros, comentou preocupada: “Eu achei que ele estava bem financeiramente, sendo funcionário público, mas ele está vendendo livros.

Mesmo incompreendido, continuo escrevendo, navegando a deriva ao sabor das palavras que invento. Vendendo os meus livros e não meus princípios, portanto jamais direi a frase infame: “esqueçam o que escrevi”, ao contrário espero que não esqueçam o que escrevo. E mais que eu nunca me esqueça do que sou, um escritor.

Escritores escrevem livros, livros são produtos do trabalho dos escritores, e como tal, precisam ser vendidos, e vender livros é uma atividade militante, é uma eterna luta contra o não. Como escritor, digo: Sim, eu escrevo! E até encontrar outros “sins”: “Sim, eu quero seu livro!” “Sim, eu gostei do seu livro!” “Sim, eu vou comprar seu livro”. Tenho que driblar toda a sorte de “nãos”. Escuto: “Não, eu não gosto de livros”, “Eu não gosto de ler. E justamente essa luta entre sim e não, só poderia virar estória.

E o protagonista dessa estória é justamente o mundo, que já não cabe nos livros, e que virou um grande *shopping* de inutilidades vitais, vende-se quase tudo, a indústria fabrica necessidades, nos faz lembrar que não podemos mais viver sem aquele produto que até então não conhecíamos, ou mesmo nos faz pensar, como vivi esse tempo todo sem isso, que eu nem sei direito para que serve.

Mas voltemos a falar sobre livros.

Certa vez, ofereci meu livro a um jovem que já foi logo dizendo: “Não comprarei, pois não sei ler e nem escrever!” Eu, ainda envergonhado por ter oferecido o livro a alguém que não fora alfabetizado, desculpei-me e fui logo dizendo que ainda havia tempo para ele aprender a ler e escrever! Para minha surpresa ele disse: “Ler e escrever são coisas do

passado, estamos na era da digital, daqui a pouco tempo, ninguém vai precisar mais assinar nada, nos bancos, nas entradas de condomínios, nos telefones celulares, em todos os cantos já tem leitor de digital. ” Quase me senti peça de museu, enquanto digeriria o não, do analfabeto futurista.

A negativa dos letrados é menos criativa, mas, não menos engraçada.

Um belo dia fui tentar vender exemplares do livro para dois colegas bancários, animado por saber que eles, mesmo estando na era digital, sabiam ler e dispunham do recurso necessário para aquisição de minha obra. Equação perfeita, pessoa letrada + recurso disponível = compra livro, ledão engano.

Na primeira abordagem, O rapaz disse: “Que legal seu livro! Refletirei sobre a possibilidade de adquirir sua obra. ” Enquanto o reflexivo colega se debruçava sobre as complexas variáveis envolvidas na compra de um livro. Tratei oferecer, a outro colega que disse de forma enfática, mas pouco entusiasmada: “Comprarei o livro, embora não vá lê-lo. Pensei que outra utilidade teria o livro, mas tudo bem. Venda realizada.

Dias depois, para minha surpresa, sobre a minha mesa de trabalho, encontrava-se um exemplar do meu livro junto a um bilhete escrito em um pedaço de papel rascunho, que dizia: “Desculpa, estou devolvendo seu livro pois, realmente não vou ler. Fulano de Tal”

Nesse cenário, o livro devolvido, o bilhete lacônico explicando a devolução e principalmente a dúvida, quase filosófica, que incitou em meu colega uma longa e profunda reflexão sobre a compra ou não de um livro, fez-me pensar, por alguns segundos: será que estou vendendo um livro ou um fusca 68?